

CADERNO 2

MPB

Celso Viáfora lança 'Paixão Candeeira'

O compositor, revelação de 1996, faz show único hoje, com participações de Guinga e do MPB-4

MAURO DIAS

O compositor e cantor Celso Viáfora faz só hoje, na Tom Brasil, o show oficial de lançamento do CD *Paixão Candeeira*, que chegou às lojas no final do ano (lançamento da gravadora Dabliú). Celso Viáfora é a grande revelação da MPB na década. Foi saudado assim pela unanimidade da crítica e da classe artística. "A música dele é a melhor, a mais importante que ouvi nos últimos tempos", avalizou o letrista Aldir Blanc. O compositor Guinga e o quarteto MPB-4 farão participações especiais.

Na banda, Amílson Godoy (piano e teclados), Arismar do Espírito Santo (baixo), Proveta (sax, clarinete e clarone), Guéllo (percussão) e Théo da Cuíca (percussão). Nomes do primeiro time, que reconhecem a firma do aval de Aldir, de Guinga e do MPB-4.

O paulistano Celso Viáfora não é assim tão novo. Começou carreira nos anos 80, fez música para teatro (peças com ou dirigidas por Antônio Fagundes, Ricardo Petraglia, Flávio Rangel, Roberto Vignatti), foi gravado por algumas vozes (Nilson Chaves, Célia), gravou, no final da década, com César Brunetti, Jean Garfunkel e Paulo Garfunkel, o disco *Trocando Figura*, ganhou diversos festivais. Lançou o primeiro solo em 1992 — o disco que levava seu nome e está reeditado, em CD, pela mesma Dabliú deste *Paixão Candeeira*.

Se é tão bom assim, tem esse tempo de estrada e merece tantos elogios, tantas participações ilustres em seu show, por que Celso Viáfora é pouco conhecido pelo público? Essa é uma daquelas questões tão claras quanto absurdas. Responde-se a ela com outra pergunta: o que tocam, hoje, as rádios e TVs (há raras exceções), fora pseudo-samba vagabundo, reggae de terceira, axé dedicado às partes pudendas das cantoras, besteiro dos incontáveis sucessores dos Mamonas Assassinas?

Nada. Qualquer resquício de inte-



Celso Viáfora, com o MPB-4: o quarteto avaliza a qualidade



Ao lado do compositor e violonista Guinga: admiração mútua

ligência é olhado de mau jeito. E Celso Viáfora, cantor, compositor, letrista, arranjador, faz música, poesia e arranjos inteligentes. O que não quer dizer música difícil, impopular, ininteligível, erudita. É compositor

popular, na acepção mais plena. Faz música sobre amores, cidades, carnavais. Faz sambas, canções, baiões, dos que se ouve uma vez e nunca se esquece.

Celso Viáfora ouviu Vanzolini e Adoniram Barbosa, Nelson Cavaquinho e

Noel Rosa, Ismael Silva e Chico Buarque de Holanda, Cartola e Paulinho da Viola: tem deles a noção da canção com início, meio, fim. Morfológicamente, entretanto, sua música é única, com peculiares sotaque, definição harmônica, utilização de in-

tervalos e articulação melódica.

É um compositor com a vantagem de ser poeta: ganha em autonomia de voo. Mas em *Paixão Candeeira*, metade das faixas tem música assinada pelo baiano Vicente Barreto. Pois para as carinhosas melodias do parceiro criou obras-primas como *Por Um Fio* ou *O Rio Virou Sertão*, poemas mais do que letras.

Cabe aqui, portanto, falar do letrista Viáfora. Mais uma vez, criou inflexão pessoal, seu próprio universo imagético, povoado de referências (suas referências, sua declaração de amor aos brasis e brasileiros) e alentado por um otimismo que não desconhece ou menospreza os problemas — mas sabe que sua cidade, seu povo, não se resumem a eles.

Paixão Candeeira é um show imperdível, disco imperdível. A oportunidade que afinal se oferece ao grande público de contato com um novo gênio da música popular.

PARA ALDIR
BLANC, ELE
É A GRANDE
NOVIDADE